



**A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO:
UM OLHAR SOBRE SUA PRODUÇÃO DE TEXTO**

**LEARNING OF THE DEAF STUDENT:
A LOOK AT YOUR TEXT PRODUCTION**

Aline Abade Reis Santos¹

RESUMO

O presente artigo reflete sobre quem é o indivíduo surdo, qual a sua real necessidade de aprendizagem e como ocorre a sua aprendizagem de Língua Portuguesa. O texto mostra quem é considerado surdo, quais são os níveis de surdez e reflete sobre a identidade surda, pois muitos surdos sentem vergonha de sua condição, forçando-se a viver em mundo oralizado e tendo dificuldades de aprendizagem sem que suas necessidades especiais de aprendizagem sejam consideradas. A pesquisa também mostrou as características da Língua Brasileira de Sinais – a LIBRAS, revelando as suas diferenças em relação à Língua Portuguesa. Este fator é de extrema importância para a análise da aquisição de Língua Portuguesa escrita, devido a alguns equívocos na sintaxe de Língua Portuguesa que são recorrentes em alunos surdos. Conclui-se que ainda há um longo caminho a trilhar para que a aprendizagem do aluno surdo ocorra de maneira coerente com as suas necessidades, garantindo que a LIBRAS seja utilizada dentro do ambiente escolar e que a sua aprendizagem ocorra principalmente nesta língua.

PALAVRAS-CHAVE: LIBRAS. Educação Especial. Produção de Textos. Alunos Surdos.

ABSTRACT

This article reflects on who the deaf individual is, what their real need for learning is and how their Portuguese language learning occurs. The text shows who is considered deaf, what are the levels of deafness and reflects on deaf identity, as many deaf people feel ashamed of their condition, forcing themselves to live in an oralized world and having learning difficulties without their special learning needs. considered. The research also showed the characteristics of the Brazilian Sign Language - LIBRAS, revealing its differences in relation to the Portuguese Language. This factor is extremely important for the analysis of written Portuguese language acquisition, due to some mistakes in Portuguese language syntax that are recurrent in deaf students. We conclude that there is still a long way to go for the deaf student's learning to occur in a manner

¹ Licenciada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas literaturas, Bacharel em Edição de Textos, Estudante de Pedagogia, Professora de Língua Inglesa na Rede Pública Municipal de Ensino de São Paulo. E-mail: alineabade@gmail.com

consistent with his needs, ensuring that LIBRAS is used within the school environment and that his learning takes place mainly in this language.

Keywords: LIBRAS. Special education. Text Production. Deaf Students.

INTRODUÇÃO

Quantas pessoas conhecem a Língua Brasileira de Sinais? Quantas têm investido na aprendizagem da Língua de Sinais? Quantos surdos recebem educação de qualidade? Quem sabe o que é LIBRAS?

Atualmente, vemos um grande movimento pela inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais em várias regiões do país. Porém, não têm sido avaliadas as condições necessárias para que seja feita a inclusão destes alunos.

No caso de alunos com deficiência auditiva, não tem sido considerada a sua especificidade de perceber as coisas do mundo. O recurso sensorial utilizado pelo surdo para sua comunicação é o campo visual. Toda a comunicação do surdo é feita por este canal e se ele é desrespeitado acaba trazendo grandes prejuízos para a sua educação. A interação com o aluno quando realizada pelo campo oral/auditivo leva a uma forma de exclusão do surdo dentro da sala de aula.

Além do modo de interação ser diferente, o surdo possui especificidades que também requerem atenção para que ocorra sua aprendizagem. Para que a educação do surdo seja feita de maneira coerente com as suas características, é preciso que a comunicação com ele seja na língua que lhe serve como identificadora das coisas que estão no mundo. Além disso, ser educado em sua primeira língua, aquela que o insere nos processos comunicativos, faz com que as coisas que o cercam ganhem sentido.

A proposta deste trabalho é realizar uma reflexão sobre a aprendizagem da Língua Portuguesa de surdos no ensino regular e especial.

Os esclarecimentos sobre as características e identidade da pessoa surda, sobre a comunicação que lhe é própria – LIBRAS - sobre sua educação e especificidade de escrita foram fundamentados em autoridades sobre a área da surdez.

1. A SURDEZ

A surdez é uma deficiência sensorial que não é visível fisicamente, porém atinge uma pequena parte da anatomia do indivíduo. O termo surdez é utilizado apenas para perda auditiva severa e profunda. Ela não é uma doença, como afirma Spinelli (2002),

mas “é uma alteração de uma função sensorial”. A surdez pode ser caracterizada como dificuldade para ouvir sons que estão ao redor no nosso dia-a-dia. É considerado “surdo” alguém que possui dificuldades para ouvir e capta vibrações acima de 91 dB. A pessoa considerada com perda auditiva é a que não capta abaixo de 27 dB. Quanto maior for a intensidade requerida para ouvir, mais forte é a perda auditiva. A surdez e deficiência auditiva são classificadas conforme segue:

- Leve: de 27 a 40 dB - No ambiente escolar, possui dificuldade para ouvir sons distantes. Pessoas com este tipo de surdez pode precisar sentar-se em lugar preferencial em sala de aula;
- Moderada: de 41 a 70 dB – Em uma sala de aula, consegue compreender uma conversa, mas não consegue acompanhar uma discussão. O indivíduo com este tipo de surdez tende a usar aparelho auditivo;
- Severa: 71 a 90 dB – Para ser inserido em uma escola, precisa usar aparelho auditivo, participar de um treinamento auditivo e treinamento em fala e linguagem;
- Profunda: acima de 90 dB - Os indivíduos com este tipo de surdez tendem a confiar mais em sua visão do que na audição. Este indivíduo é considerado surdo.

São várias as causas da surdez. Segundo Boone & Plante (1994), elas podem ser classificadas em: pré-natais, perinatais e pós-natais. Entre as causas pré-natais há a rubéola intra-uterina, toxoplasmose, citomegalovírus, diabetes, sífilis, irradiação, hipóxia, uso de drogas ototóxicas e o alcoolismo materno. Entre as causas perinatais tem-se a anóxia-hipóxia, parto traumático, parto pré-maturo e herpes materna. As causas pós-natais no que há de mais comum há a hipoxia, anoxia, infecção, eritroblastose fetal e sarampo, caxumba, meningite, encefalite, além da exposição a ruídos ou pressões intensas e acidentes. Entra também como causa da surdez a idade avançada.

A surdez e manifestações segundo a concepção e Boone e Plante (1994):

- *Perda auditiva condutiva*: No caso de crianças, este tipo de surdez ocorre quando há algum modo de interrupção de transmissão do som. A maneira mais típica deste tipo de perda auditiva vem da otite média, que acontece quando o ouvido médio fica inflamado, levando, na maioria das vezes, “à exsudação do ouvido médio” e ao “acúmulo de líquido por trás do tímpano”. Já com os adultos, a perda condutiva ocorre com infecções no ouvido ou por voar de avião, por exemplo, quando se experimenta uma pressão entre o

ouvido médio e a atmosfera. Neste caso, ocorre uma perda auditiva condutiva temporária secundária. Este tipo de perda auditiva pode ser causado também por alergias e infecções ouvido-nariz-garganta. Outra maneira de perda auditiva condutiva em adultos é decorrente da otosclerose, ocorrida quando *“o estribo começa a ser encapsulado por um tecido esponjoso e torna-se fixo na janela oval, interferindo seriamente na transmissão de vibrações ossiculares, via janela oral, para dentro da porção coclear do ouvido interno”*. A perda auditiva condutiva também pode ser ocasionada por traumas no ouvido externo ou tumores, sejam eles benignos ou malignos.

- *Perda auditiva neurossensorial*: As crianças podem experimentar este tipo de perda auditiva quando há algum dano nas células ciliadas da cóclea ou fibras nervosas no nervo auditivo, que é o oitavo nervo craniano. Este tipo de perda é menos comum nas crianças relacionadas às perdas condutivas.
- *Perda auditiva mista*: Este tipo de perda auditiva é apresentado apenas em algumas crianças. Pode ser causado pela mãe ter contraído rubéola durante a gravidez. Porém, este tipo de perda auditiva pode ter um tratamento médico feito com sucesso.

1.1 O indivíduo surdo e sua identidade

Um aspecto importante a respeito da surdez é a questão da “Identidade Surda”. Esta ‘Identidade’ decorre de fatores fisiológicos ligados ao tipo de surdez e de sua característica sócio cultural.

Vários estudos têm apontado que os surdos enfrentam diversas dificuldades em sua trajetória educacional, devido à limitação auditiva e a oral.

Alguns autores acreditam que o surdo pode sofrer com problemas emocionais, sociais e cognitivos por causa do atraso da linguagem. Estes problemas podem influenciar nos processos de aprendizagem e na definição de sua identidade.

Perlin (1998) aponta em seus estudos que existem cinco categorias de identidade surda que se diferem mostrando uma heterogeneidade na formação destes grupos. Estes grupos são classificados em:

- a) *Identidade flutuante*: o surdo se manifesta e vive de acordo com o mundo do ouvinte, ele rejeita a cultura surda, porém reconhece sua surdez e a necessidade de saber a Língua de Sinais;
- b) *Identidade híbrida*: surdos que nasceram ouvintes e foram perdendo a audição gradativamente que dependem da língua de sinais para a comunicação e seu pensamento está na dependência da linguagem oral;
- c) *Identidade de transição*: o contato do surdo com a comunidade surda é feito tardiamente e ocorre uma transição de linguagem visual-oral para a linguagem visual sinalizada causando um conflito cultural;
- d) *Identidade inconformada*: o surdo se considera “inferior” por não conseguir interpretar a identidade ouvinte;
- e) *Identidade surda*: esta identidade é representada por surdos que assumem a sua surdez e desenvolvem a sua experiência de mundo em Língua de Sinais.

Esses dados corroboram para evidenciar que os surdos não formam um grupo homogêneo, pelo contrário, formam grupos que diferem entre si, com qualquer outro grupo humano.

Muitos surdos, que reconhecem sua surdez, a sua identidade surda ou se sentem desprezados pela sociedade ouvinte, preferem se relacionar com outros surdos, pois isto traz mais segurança e fortalece a sua identidade. Eles podem estabelecer um relacionamento contando suas histórias, problemas que enfrentam geralmente ocasionados pela problemática da comunicação, o que leva à formação da Comunidade Surda. Daí, surgem encontros em shoppings, em bares pela cidade, formam associações para relacionamento entre surdos e outras atividades feitas com os surdos.

A partir deste momento o indivíduo surdo “ganha voz”. Neste momento ele consegue se comunicar, ter liberdade de expressão. Não há barreiras para a sua comunicação, todos que estão presentes nestes encontros possuem as mesmas limitações, sendo assim, conseguem ter os mesmos sentimentos.

No Brasil, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) tem sido um local em que os surdos ganharam espaço. Neste espaço, eles podem se expressar, compartilhar idéias, pensamentos, medos e sentimentos que são apresentadas por meio de Teatro Surdo, Humor Surdo, Poesia Surda, Pintura surda, Escultura Surda e outras formas de expressão artística sem que tenham a interferência de um ouvinte refletindo sobre a visão de mundo surda. Interessante pensar que a FENEIS coloca em evidência a Integração do surdo. A palavra integração, segundo o dicionário, significa

reunir, ou seja, não chega a fazer uma unidade. Podem se reunir em um mesmo grupo com ouvintes, mas não se cria uma unidade.

1.2 Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS

A Língua de Sinais é o sistema de significação utilizado para a comunicação dos surdos. Ela é considerada a língua natural dos surdos a partir do momento em que é adquirida por ele quando criança, sem que haja necessidade de um treinamento para que a aprenda.

Ela não é uma língua universal, cada país tem a sua própria língua de sinais. Aqui no Brasil, é usada a denominada LBS ou, mais utilizada, LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

A Língua de Sinais começou a ser utilizada no Brasil no século XIX. Em 1875, foi publicado o livro *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de Flausino da Gama, que foi o primeiro livro com os sinais “brasileiros”, pois era uma cópia dos sinais franceses com tradução para o português.

Segundo o que afirma a lingüista Tanya Amara Felipe, em depoimento à revista Língua Portuguesa (2008), haveria dois sistemas de sinais descritos por Gama, porém apenas um sobreviveu. A lingüista, em viagem aos Estados Unidos, pode observar que os sinais da ASL (American Sign Language) eram semelhantes aos do livro de Gama. Podendo comprovar o parentesco entre as três línguas de sinais: da França, do Brasil e dos Estados Unidos.

Em 1969, foi descoberto que no Brasil havia outra língua de sinais utilizada pelos índios urubus-caapores, residentes em Maranhão, que possui uma elevada taxa de pessoas surdas: a cada 76 pessoas ouvintes, uma é surda.

Na década de 80, começaram os primeiros estudos lingüísticos a respeito da Língua de Sinais e as primeiras instituições de apoio ao surdo foram constituídas.

A LIBRAS foi considerada uma língua oficial do Brasil em 24 de abril de 2002 pela Lei n. 10.436.

1.2.1 Características da Língua Brasileira de Sinais

A LIBRAS é uma língua visual-espacial que é articulada pelas mãos e expressões faciais e corporais, suprimindo a necessidade de comunicação entre os indivíduos surdos. Ela se distingue das línguas orais, que possuem como modalidade a oralidade/audição. Segundo Brito (1990) o canal visuo-espacial não é o preferido por grande parte dos indivíduos, porém torna-se uma alternativa mediante a ausência do canal mais utilizado, que é o oral/auditivo. Esta alternativa nos mostra o quão importante é a linguagem para o indivíduo.

Mesmo que o meio sensorial que é utilizado não sendo o favorito, a LIBRAS é composta por todas as categorias comuns em níveis de análise de uma língua oral: fonologia, semântica, morfologia e sintaxe. Isto tem sido comprovado por pesquisas feitas tanto no Brasil (com a LIBRAS) quanto nos Estados Unidos (com a ASL).

A LIBRAS também possui idioletos, que são maneiras individuais de cada indivíduo em seu modo de falar ou sinalizar, da mesma maneira que a Língua Portuguesa.

1.2.2 Os níveis de análise linguística aplicados à língua de sinais

Segundo Quadros (2004), a Fonologia é a ciência que estuda as unidades mínimas não-significativas de uma língua e a sua organização interna. Nas línguas orais, a fonologia baseia-se nos aspectos sonoros de uma língua que combinados formam as palavras. Na Língua de Sinais, o que forma estas unidades mínimas não-significativas é a configuração da mão, que unida com outras configurações formam os sinais. “Os movimentos e as direções são as unidades menores que formam as palavras”. (QUADROS, 2004, p. 18)



Imagem 1: AZAR - DESCULPAS

Percebemos por estas figuras que a configuração das mãos para formar os sinais de AZAR e DESCULPAS é a mesma, mas o local em que é articulado é diferente: ‘AZAR’ é sinalizado na direção do nariz e ‘DESCULPAS’ é sinalizado perto do queixo com dois movimentos repetidos.

As unidades mínimas também podem ser analisadas por meio de pares mínimos: Pares que apresentam apenas uma unidade que implica em mudança de significado apresentando, por tanto, uma determinada função fonológica na língua. (QUADROS, 2004, p. 18).

Podemos usar como exemplo para isto os sinais para OBEDECER e SABER que a única coisa que os diferem é a configuração das mãos, o movimento e o ponto de articulação permanecem os mesmos.



Imagem 2: OBEDECER - SABER

O ponto de articulação utilizado para a construção deste sinal é a testa, porém a configuração das mãos é diferente.

A Morfologia e a Sintaxe da Língua de Sinais são organizadas no *Espaço de Sinalização*, que é o lugar delimitado à frente daquele que sinaliza.

1.3 Educação de surdos

Não se sabe ao certo quando iniciou a Educação de Surdos no mundo, mas o primeiro fato de que se tenha ouvido falar é a respeito do bispo John of Bervely, que em 637 d.C ensinou um surdo a falar de maneira compreensível. Este acontecimento foi considerado um milagre. A igreja coloca-se como autora de metodologias e técnicas para ensino de surdos que se perderam no tempo. A partir do século XVIII, começam a surgir os primeiros educadores de surdos: Samuel Heineck (1729 – 1790), o abade Charles Michel de L'Epée (1712 – 1789) e Thomas Braidwood (1715 – 1806). Estes educadores foram os primeiros a desenvolver diferentes metodologias para a educação de surdos.

O abade L'Epée, em 1755, fundou a primeira escola pública para pessoas surdas em Paris.

No Brasil, no ano de 1857, foi criado por D. Pedro II o *Instituto de Nacional de Surdos-Mudos*, que atualmente é o denominado *Instituto Nacional de Educação de Surdos* (INES). Esta instituição foi criada com o intuito de auxiliar na alfabetização dos surdos brasileiros.

1.3.1 O aluno surdo no ensino regular

O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) diz que está comprovado cientificamente que o ser humano possui dois sistemas para produção e reconhecimento da linguagem: sensorial, que usa os campos visuais e vocais (línguas orais) e o motor que usa a anatomia visual e das mãos e braços (língua de sinais), considerada língua natural dos surdos. No período de aquisição da linguagem, os surdos utilizam o segundo sistema, pois o primeiro está muito prejudicado. As crianças surdas tentam desenvolver alguma forma de linguagem, mesmo que nunca tenham tido contato com a língua de sinais. Neste período, elas não conhecem nem a língua de sinais e nem a oral/escrita. Quando elas aprendem estas línguas, entram em uma situação bilíngüe, que pode ter prejuízos conforme a maneira que estas línguas são ensinadas para esta criança.

Quando inserimos o aluno surdo em uma escola de ensino regular, os colocamos dentro do bilingüismo, pois existem dois tipos de linguagem ao redor do aluno. No caso dos alunos surdos nos referimos à língua de sinais e à língua portuguesa. As crianças surdas são locutoras naturais de uma língua que é adaptada às suas experiências de mundo e capacidades de compreensão que é a linguagem de sinais, considerada a primeira língua do surdo.

Os alunos surdos possuem um sistema de significação e interação com o mundo diferente aos das outras crianças e são poucos os educadores que conhecem o sistema de signos (ou linguagem de sinais) para conseguir dar aulas a eles. Além disso, quando o aluno surdo tem contato com a língua portuguesa escrita, ele entra em contato com a sua segunda língua.

Segundo Saussure (1970), a linguagem é formada por língua e fala servindo apenas para o processo comunicativo. A língua seria o aspecto social da linguagem, pois é compartilhada entre indivíduos de uma mesma comunidade e a fala seria o aspecto individual da linguagem, que possui características pessoais. Já Vygotsky (2000) afirma que a linguagem não se restringe apenas ao processo comunicativo, mas que por meio dela constitui-se o pensamento, e então o indivíduo. A linguagem seria tudo aquilo que envolve significação e permanece no sujeito mesmo quando não está em um processo comunicativo.

Bakhtin associa-se ao conceito de Vygotsky dizendo que a linguagem tem papel nos processos mentais e possui aspecto contextual e social. Para ele, língua e fala

permanecem ligadas e não separadas, como afirma Saussure. Com isto, quando o surdo experimenta atraso da linguagem, ele sofre danos sociais, emocionais e cognitivos, pois a linguagem não se resume apenas ao que Saussure dizia, mas assume papel no desenvolvimento cognitivo do surdo, como diz Vygotsky e Bakhtin.

Conclui-se então que é possível compreender que a fala não é o único meio de onde se cria significado para o surdo e sim toda e qualquer forma de significação. Esta significação não se restringe apenas a linguagem oral, mas a meios visuais, auditivos e outros. Com isso, há grande dificuldade de aprendizagem tanto da língua de sinais, quanto do português. Entra em vigor o que os especialistas chamam de bilingüismo. O bilingüismo tem sido a grande causa da evasão escolar dos surdos fazendo com que eles não se interessem pela língua portuguesa, sua aprendizagem e seus falantes. Eles se excluem do mundo em que vivem e são excluídos por um sistema educacional que é voltado à educação de alunos ouvintes, como afirma Lodi (2004).

Caporali & Dizeu (2005) afirmam que o surdo tem sido “barrado” pela sociedade de utilizar a sua forma de significação de mundo. Não conhecem a língua de sinais e sua importância para o surdo por causa da grande maioria oralizada. Grande parte do corpo docente das escolas brasileiras não está preparada para trabalhar com alunos surdos, pois não conhecem a Libras. Deste modo, o aluno surdo seria educado em Língua Portuguesa, mesmo não a compreendendo.

O aluno surdo precisa ser educado em sua língua materna, aquela que faz parte de sua realidade e que como propõe a Declaração de Salamanca (1994) no artigo 19:

Políticas educacionais deveriam levar em total consideração as diferenças e situações individuais. A importância da linguagem de signos como meio de comunicação entre os surdos, por exemplo, devia ser reconhecida e provisão deveria ser feita no sentido de garantir que todas as pessoas surdas tenham acesso a educação em língua nacional de signo. Devido às necessidades particulares de comunicação dos surdos e das pessoas surdas/cegas, a educação deles pode ser mais adequadamente providas em escolas especiais ou classes especiais e unidades em escolas regulares.

A não-inclusão do aluno surdo em escolas de ensino regular garante ao aluno que ele tenha contato com a sua língua materna e com os falantes de sua língua.

A dificuldade do ensino de língua portuguesa também se dá porque o aluno surdo não quer que ela seja feita, pois não gostam dela. O surdo também deve quebrar este preconceito para que consiga aprender português tomando consciência da importância de aprender a Língua Portuguesa, conhecendo as diferenças entre a LIBRAS e a Língua Portuguesa.

Pela falta de estrutura na educação de alunos surdos, percebe-se que há grande dificuldade no domínio da linguagem escrita, no que se diz a sua estrutura, comprometendo o processo comunicativo e a compreensão da língua escrita.

Faz-se essencial a participação de adultos surdos na educação da criança surda, para que ela conheça a sua língua, que muitas só passam a conhecê-las após um certo tempo, como afirma Caporali & Dizeu (2005). Além de servir como base para conhecimento da língua, a participação do professor surdo serve também como exemplo e incentivo para motivação deles, aumentando a auto-estima e os encorajando para lutar por seus direitos e continuarem a estudar. É necessário que os surdos tenham contato com sua língua e seus falantes. A atriz francesa Emmanuelle Laborit, que é surda, relata que só conheceu a linguagem de sinais após os seis anos e que antes de conhecer a linguagem, a sua vida era estranha, não havia nenhuma forma de interação com o mundo, ela não sabia quem era, nem tinha localização de tempo. A linguagem é indispensável para o desenvolvimento cognitivo da criança.

Muitas instituições e ONG's têm feito um apelo a linguistas e educadores para que elaborem metodologias de ensino da língua portuguesa aos alunos surdos sem que haja a inclusão escolar.

1.3.1.1 Inclusão escolar

Segundo o dicionário Aurélio (2001), o termo inclusão está definido como “conter em si, inserir, introduzir, fazer parte”.

O ensino inclusivo é a prática da inclusão de todos - independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou de origem cultural – em escolas e salas de aula provedoras, onde todas as necessidades dos alunos estão satisfeitas. (STAINBACK & STAINBACK, 2006, p. 21)

Sendo assim, a inclusão escolar procura promover a inserção de todos os indivíduos, sejam eles portadores de deficiência ou não, para que eles façam parte de um mesmo grupo, um mesmo conjunto em que todos tenham as suas necessidades educacionais satisfeitas. Porém, no caso de alunos surdos, estas necessidades educacionais não são supridas porque é necessária a educação em sua primeira língua, reafirmando o que propõe a Declaração de Salamanca (1994). Pensando em uma sociedade em que a maioria dos indivíduos é oralizada, ao ser feita a inclusão escolar a língua utilizada para o ensino seria a da maioria: o português oral.

1.4 A escrita do aluno surdo

Lodi (2004), afirma que a linguagem escrita é um instrumento de grande poder desde a época das Grandes Navegações. As pessoas que sabiam escrever eram consideradas as que mais possuíam poder. A escrita, até os dias de hoje, é um canal de comunicação de grande importância.

Muito se discute a respeito de qual o meio facilitador para a percepção do léxico pelo indivíduo surdo. Uma determinada linha teórica defende a utilização da língua de sinais como canal facilitador do desenvolvimento lexical e da comunicação de alunos surdos. A língua portuguesa escrita seria incorporada como segunda língua destes alunos.

A aquisição de linguagem, escrita, gestual ou oral, pelo indivíduo surdo é difícil pelo fato da maioria deles nascerem em lares ouvintes. Deste modo, há prejuízo tanto na percepção da linguagem oral quanto gestual, pois grande parte dos pais que são ouvintes não conhece a língua de sinais e isto prejudica a interação com seus filhos que são surdos, construindo uma “barreira lingüística” que traz danos ao “desenvolvimento lingüístico e social destas crianças”, como afirma Batista & Costa.

Em face das condições específicas associadas à surdez, é importante que os sistemas de ensino se organizem de forma que haja escolas em condições de oferecer aos alunos surdos o ensino de língua brasileira de sinais e língua portuguesa, facultando-se a esses alunos e suas famílias a opção pela abordagem pedagógica que julgarem adequadas. (2003, Apud BATISTA & COSTA, 2003, p. 156)

Devido a esse déficit da linguagem, são produzidos efeitos na escrita dos surdos, pois para que a produção da linguagem escrita seja realizada é necessário que haja a utilização de competências lingüísticas e metalingüísticas, que constituem a capacidade de análise ou reflexão em sua própria língua.

A escrita do aluno surdo é uma espécie de tradução da linguagem de sinais para a linguagem escrita. De acordo com as autoras, esta tradução seria realizada com base na “sinalização interior”, ou seja, o “léxico sinalizado” que o indivíduo surdo possui internalizado. O processamento do léxico é feito por intermediação da memória que as armazena em formato visual, depois o seu equivalente em LIBRAS e por último o aspecto semântico da palavra.

Então, da criança bilíngüe é esperado muito mais no desenvolvimento da escrita, uma vez que ela pensa e se comunica em língua de sinais, de natureza visual e quiroarticulatória, mas frente à tarefa de escrever espera-se que faça por meio de uma língua que possui natureza auditiva e fonoarticulatória. (Ibid, p. 158)

Quando o surdo é oralizado, a percepção dele é feita pela leitura labial. Isto pode auxiliar na aquisição de léxico e até mesmo no “desenvolvimento da consciência fonológica”, conforme afirmam as autoras, porém, as regras ortográficas são desrespeitadas, pois a leitura orofacial não permite este tipo de distinção. Batista & Costa (2003) afirmam que, os surdos oralizados acabam confundindo fonemas como /b/ e /p/, que são fonemas bilabiais, articulados pela junção dos lábios superior e inferior e /f/ e /v/, fonemas fricativos, articulados pela junção dos dentes no lábio inferior. Como o ponto de articulação é semelhante, quando ele for transcrever o que ele leu com os lábios, pode ocorrer uma alteração de um fonema para o outro.

Quando se pretende que o aluno surdo faça a correspondência grafema/fonema, deparamo-nos com a dificuldade de alguns dos sons, não sendo por ele percebidos, não poderem ser produzidos e, muito menos, traduzidos automaticamente em grafemas. (COPA & REGO, 1999, p. 42)

Com isso, vemos a importância da educação deste aluno ser feita em linguagem de sinais, para que sua linguagem escrita se desenvolva melhor. Assim, não é vista a possibilidade de um aluno surdo ser educado em linguagem oral, de forma que ele tenha uma aprendizagem de qualidade. A linguagem oral é geralmente usada na educação inclusiva. Um ensino realizado com a linguagem oral seria apenas admitido se o aluno surdo fosse submetido à estimulação auditiva, com uso de aparelhos auditivos, durante o período crítico de desenvolvimento lingüístico, que pode variar dos 2 aos 10 anos de idade.

De acordo com esses autores é de grande importância a aprendizagem da escrita para o indivíduo surdo, pois por meio deste canal eles podem acessar meios de informação ajudando a desenvolver a linguagem. Esta aprendizagem deve ser feita de um modo que faça o aluno utilizar a linguagem escrita de maneira criativa e funcional.

A escrita surda possui algumas características no início do processo de aprendizagem dela. Há grande ocorrência de:

- Vocabulário reduzido;
- Frases curtas;
- Erros frequentes de omissão, substituição e troca de ordem das palavras na frase;
- Uso inadequado de marcadores de tempo;
- Uso predominante de palavras de conteúdo (nomes e verbos);

- Ausência de partículas de ligação (artigos, conjunções...);
- Erros de concordância de gênero, número e pessoa;
- Dificuldades na compreensão (leitura) e no uso (produção) de frases complexas;
- Omissão, troca e substituições de letras e sílabas na palavra;
- Dificuldades no uso dos sinais de pontuação. (Ibid, p. 39-40)

Por isso, precisa-se de um trabalho minucioso durante o processo de aquisição da escrita. Esses autores afirmam que há a necessidade da utilização de textos com linguagem facilitada, ajuda com a estrutura de frases, introdução de elementos de discurso direto e expressões do dia-a-dia (coloquiais) e correção de vocabulário. Como atividades, a utilização de dicionários, livros ou qualquer outro tipo de material escrito pode auxiliar no desenvolvimento da escrita deste aluno. Além de elaboração de pesquisas em grupo, fichamentos e escrita de jornais escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda temos muito a caminhar em relação a inclusão escolar de alunos surdos. Muitos deles acabam sentindo-se excluídos do ambiente escolar devido as condições excludentes que acontecem ao seu redor.

Vivemos em uma sociedade em que poucas pessoas conhecem a Língua de Sinais, muito menos conseguem conversar com um indivíduo surdo sem ser por meio de leitura labial. Quando levamos isso para dentro do contexto escolar, isso não ocorre apenas em relação aluno-aluno, mas a todos os envolvidos na comunidade escolar. A escola precisa estar preparada para receber esta criança surda, seja fazendo o acolhimento deste aluno, mostrando aos outros que devem respeitá-lo, mas também oferecendo condições de aprendizagem para este aluno que muitas vezes chega em etapas finais do ensino sem a devida adaptação.

Após reflexão feita por meio desta pesquisa, conclui-se que a aprendizagem do aluno surdo precisa de uma atenção redobrada em relação ao desenvolvimento da sua escrita devido as diferenças existentes na estrutura linguística entre Língua Portuguesa e a LIBRAS. Deve-se refletir também em relação ao seu processo de inclusão, considerando sempre as suas necessidades, para que a inclusão ocorra de maneira efetiva.

A LIBRAS precisa estar presente no processo de aquisição da língua escrita devido ser considerada como a primeira língua deste aluno. Esta condição deve ser respeitada pelas entidades de educação considerando que a oralização pode ocasionar algumas confusões na escrita, principalmente para fonemas que tem o mesmo movimento labial.

Precisa-se também inferir condições para que este aluno se identifique como surdo, que possa assumir a sua identidade surda sem constrangimentos, fazendo do ambiente escolar um espaço acolhedor e de diversidade.

O aluno surdo precisa sentir-se parte da escola, ser respeitado, ter a sua língua respeitada no espaço escolar para que ele tenha um bom desenvolvimento de sua escrita e para que ele não se sinta completamente isolado dentro da escola. Precisamos trazer a sua cultura, a sua realidade para a sala de aula, fazendo com que ele se sinta parte integrante na comunidade escolar, evitando a sua evasão e melhorando as suas condições de vida que estão além dos muros da escola. Por vezes, a escola especial será considerada a saída para muitos especialistas por oferecer um espaço mais apropriado para este aluno e por lá ele ter todas as condições necessárias para desenvolver a sua aprendizagem. Mas precisamos que isso estenda-se para toda escola, seja ela especial ou regular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Adriana de Souza; COSTA, Maria da Piedade Resende da. **Abordagens Comunicativas e os impasses na construção da escrita do português por crianças surdas.** Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.9, n. 2, p. 155-162, jul./dez. 2003.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais.** Porto Alegre: Mediação, 2006.

BONINO, Raquel. **Os sotaques dos sinais.** Disponível em <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11431>. Acesso em 14/05/2020.

BOONE, Daniel R.; PLANTE, Elena. **Comunicação humana e seus distúrbios.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de língua de sinais.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1995.

CAPORALI, Sueli Aparecida; DIZEU, Liliane C. Toscano de. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a14v2691.pdf>. Acesso em 14/05/2020

CARVALHO, Orlene Lúcia et al. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: Caminhos para a prática pedagógica.** Vol. I e II. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

- CHAPMAN, Robin S. **Processos e Distúrbios na Aquisição da Linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- COPA, Ana Maria; REGO, Dina. **Estratégias de intervenção em contexto escolar: o aluno surdo em contexto escolar**. Ministério da Educação de Portugal. Departamento de Educação Básica, Lisboa, 1999.
- DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- INES. **Dicionário on-line de LIBRAS**. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/libras/index.htm> Acesso em 14/05/2020
- LODI, Ana Cláudia Balieiro. **A leitura como espaço discursivo de construção de sentidos: oficinas com surdos**. 2004. Dissertação. (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO Rosângela Gavioli. **Inclusão Escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo, Summus, 2006.
- MEIRELLES, Viviany; SPINILLO, Alina Galvão. **Uma análise da coesão textual e da estrutura narrativa em textos escritos por adolescentes surdos**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000100015 Acesso em 14/05/2020
- PERLIN, G. T.T. **'Identities Surdas'**. In SKILIAR, C. (org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- QUADROS, Ronice Müller; **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC, SEESP, 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- SPINELLI, Mauro. **'O médico, o deficiente auditivo e sua família'**. In MASINI, Elcie F. Salzano (org). **Do sentido, pelos sentidos, para o sentido: sentidos das pessoas com deficiência sensorial**. Niterói: Intertexto, 2002.
- STAINBACK, Susan; STAINBACK, William C. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- WEEDWOOD, Barbara. **História Concisa da linguística**. São Paulo: Parábola, 2002.